

in            in  
SIGHT      SIDE

Clo Bourgard

Insight Inside insere-se no projeto de residência de arte-ciência-saúde que Clo Bourgard desenvolveu na Fundação Champalimaud, no âmbito do programa *Bridges to the unknown: crossing art with science.*

As peças estão à venda exclusivamente no site da P55.ART e 20% do valor da venda reverte para a associação sem fins lucrativos, Mama Help, que oferece apoio a doentes com cancro de mama e aos seus familiares e amigos.

in in  
SIGHT SIDE

OU COMO  
NOS MOVEMOS  
NO DESCONHECIDO

Houve um dia em que Clo Bourgard decidiu que o seu trabalho, pelo menos nos tempos que se seguiriam, se ia focar no corpo humano. No atelier, começou a esculpir cabeças com histórias mais ou menos óbvias. Se, num primeiro olhar, um certo padrão as tornava algo homogéneas, num segundo instante os detalhes exacerbavam as diferenças — e uma série de possíveis interpretações que delas podia surgir. Quem visitasse o seu atelier em 2012 assistiria a um encontro de Clo enquanto artista, numa exploração à singularidade de cada repetição partindo sempre do mesmo referencial estético. As cabeças — símbolo de tudo o que de mais humano existe. A falha, o erro, a fé, o medo, a esperança. A saúde e a doença. A vida e a morte. Todos os processos cíclicos da existência humana.

No mesmo ano, a Fundação Champalimaud era reconhecida pela revista norte-americana “The Scientist” como o melhor sítio, fora dos Estados Unidos, para investigadores desenvolverem o seu trabalho pós-doutoramento. Não era

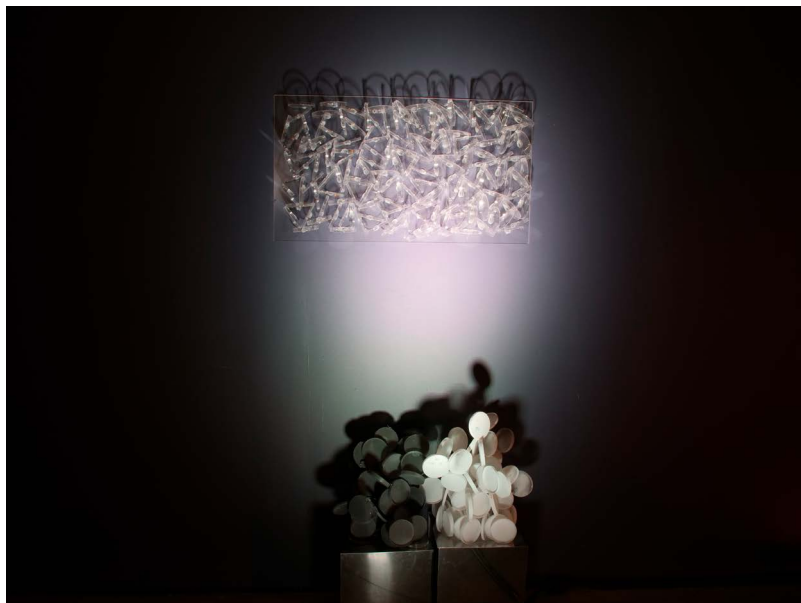
apenas mais um centro de investigação — nunca foi. Tampouco mais uma clínica. Tornou-se, desde o começo da sua história, uma referência para quem se move pelo desconhecido à procura de respostas. No edifício que subtilmente se impõe sobre o Tejo, começava uma viagem ao desconhecido para resolver os enigmas do agora. Os laboratórios, as salas de operação, os jardins, o auditório, o centro de exposições, ganhavam novas vidas a cada passagem.



Conhecemo-nos, hoje, como seres complexos e com muitas camadas que fazem de nós aquilo que somos. Um corpo não é apenas um corpo. As ações não surgem no vazio. Tudo se liga. E é por isso que na Fundação Champalimaud se investe numa abordagem translacional entre a investigação fundamental, nas áreas do cancro e da neurociência, e a atividade clínica, para o desenvolvimento de terapias e do bem estar dos doentes.

Em 2021, o Centro Champalimaud revelou-se ainda mais ao desconhecido. Pela mão de Julia Salaroli, bailarina e coreógrafa, e Patrícia Correia, neurocientista, nasce *Bridges to the Unknown: crossing art with science*, um programa que procura explorar a ligação da arte com a ciência e a saúde. Desde a sua génese que no Centro Champalimaud têm vindo a ser criadas e moldadas inúmeras iniciativas onde a ciência, a saúde, a tecnologia, a educação e a arte se tocam, se cruzam e se contaminam. Aliado ao dinamismo da sua comunidade internacional e interdisciplinar, foram-se abrindo as portas ao

público, consolidando a partilha de conhecimento e o envolvimento da sociedade. O programa *Bridges to the unknown* vem cimentar o cruzamento da arte nesse caminho.

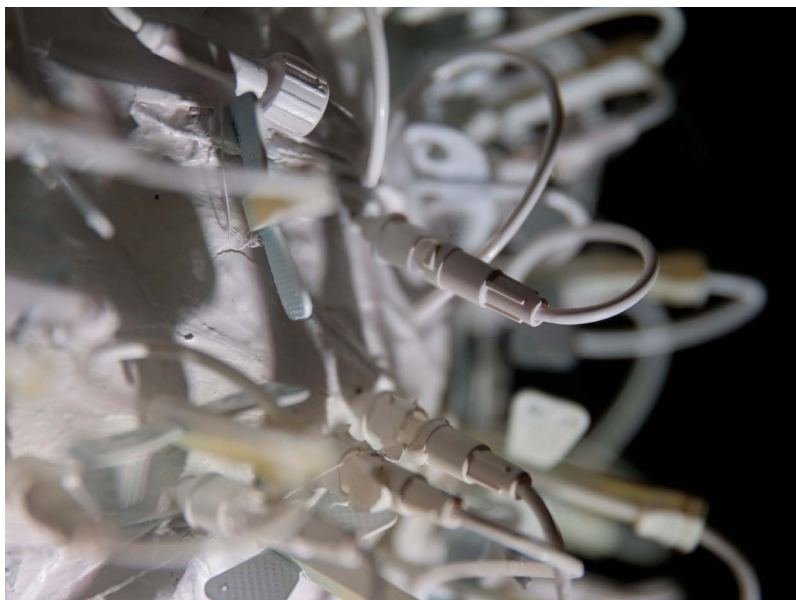


Houve um dia em que um médico do Centro Clínico Champalimaud, Pedro Gouveia, sugeriu o trabalho de Clo Bourgard, porque havia visto uma das suas cabeças intervencionada com elementos cirúrgicos. Foi aí que os caminhos de Clo Bourgard e *Bridges do the Unknown* se cruzaram.

Por esta altura, o interesse da artista pelo corpo humano já tinha expandido os seus limites. Agora, com a possibilidade de circular no Centro Champalimaud, queria entender melhor a base do processo oncológico. Era esta a sua premissa, mas estava disposta a deixar-se levar pelo que viria a descobrir e pelos encontros que viria a ter. Durante seis meses, visitou duas vezes por semana a “Champalimaud”. Passou de Clo Bourgard a Clo. Assistiu a uma operação logo nos primeiros dias e registou a sensação arrebatadora de uma orquestração que precisa de encontrar uma sintonia — e em que pouco precisa ser dito para que a coordenação aconteça. Deixou-se surpreender pelas personagens que podem ter menos visibilidade, mas cujo trabalho é essencial. Abraçou o desafio de trabalhar com materiais de desperdício dos laboratórios e espaço clínico da Fundação Champalimaud. A recolha de materiais foi efetuada em colaboração com a Green Team, um movimento formado por membros do Centro Champalimaud, com o objectivo de criar um exemplo positivo

de sustentabilidade ambiental em investigação, medicina e práticas de trabalho.

Começou pela clínica, entrou na sala de operações, e subiu até aos laboratórios. Atravessou os corredores que ligam as diferentes unidades da Fundação Champalimaud sem que notassem a sua passagem ou a vissem como um corpo estranho. Foi-se encontrando com os diferentes laboratórios, procurando saber mais sobre as investigações que nestes se faziam. Ficou a pensar durante meses nos peixes-zebra com que o laboratório de Rita Fior trabalha e



se aproxima de uma medicina personalizada, tendo em consideração o indivíduo e as suas características ímpares. Guardou na memória a conversa que teve com Albino Oliveira-Maia sobre a complexidade da relação entre a saúde mental e a doença física. Subliminarmente, uma exposição começava a surgir.

Num átrio entre laboratórios, onde alguns mais sozinhos refletem e outros conversam nas pausas para cafés, Clo Bourgard arquivou todas as memórias dos dias passados no Centro Champalimaud. Da janela via sempre o sol a pôr-se no horizonte. Percorrendo as diferentes salas, começou a encontrar caixas com materiais de desperdício que viriam a ser a base das peças que agora apresenta em *Insight Inside*, e que produziu de forma orgânica ao longo do período de residência. Nesta ponte entre a arte e a ciência, Clo encontrou uma forma de ler a realidade e explorar as percepções do ser humano sobre o mundo que é comum entre as duas partes — e percebeu que o processo é o âmago de uma investigação artística e científica.

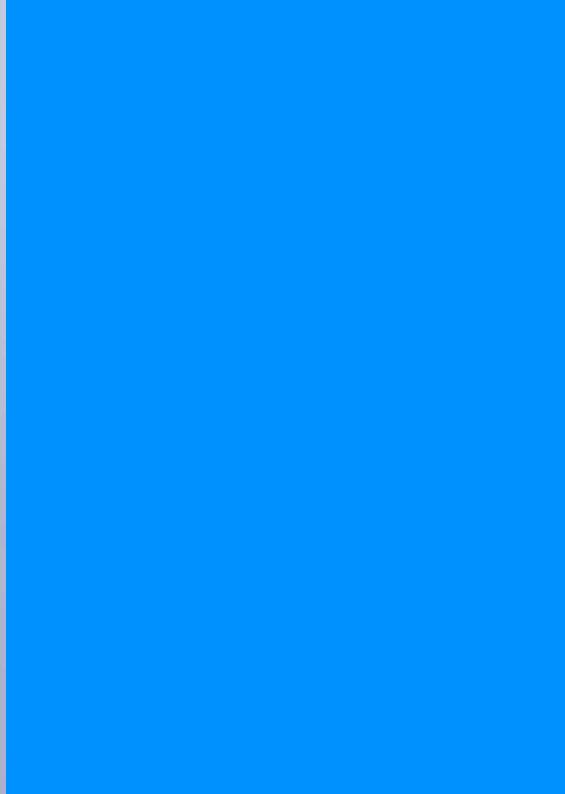
*Insight Inside* é o momento em que a residência de Clo Bourgard se abre a todos, onde novas pistas sobre o que somos podem surgir. É também uma experiência sensorial; um convite a uma reconexão entre corpo e mente. O começo para uma viagem pelo que há de familiar no desconhecido.



# Oxygen

Há um (im)perfeito equilíbrio na sua distribuição que garante a vida. A delicadeza com que tudo funciona faz com que por vezes pareça magia. Transparente e inodoro, o oxigénio é um dos elementos fulcrais desse balanço. Nem sempre damos pela sua presença, mas é essencial à sobrevivência, à comunicação e à emoção. À vida.

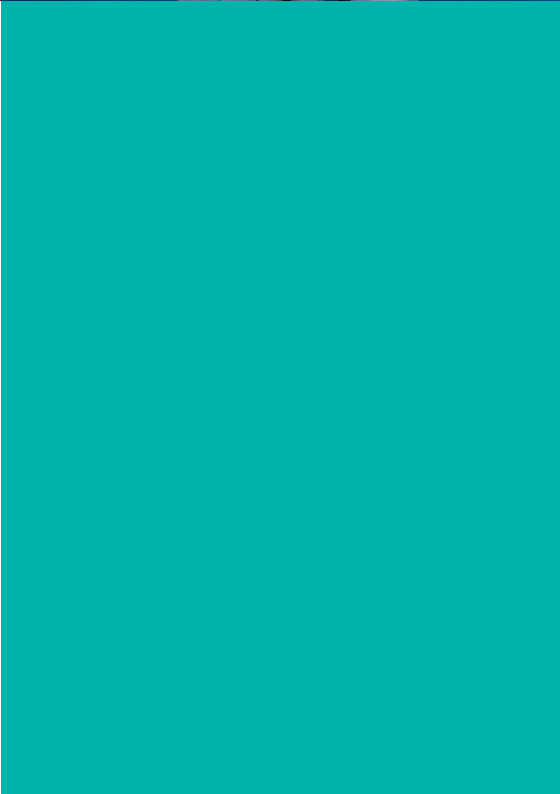
Escultura feita com ventiladores  
do Centro Clínico Champalimaud.  
Dimensões 60 cm X 50 cm



# My healthy lungs

O corpo, a expressão do rosto, os cabelos mais ou menos penteados. Quando nos olhamos ao espelho, vemos o mais imediato. E o que está por dentro, como é que podemos ver? A saúde dá-nos algumas pistas. Nem tudo pode ser visto no imediato, assim como nem todas as soluções para os problemas do invisível surgem de imediato no espelho. O que é que vêes quando te olhas ao espelho?

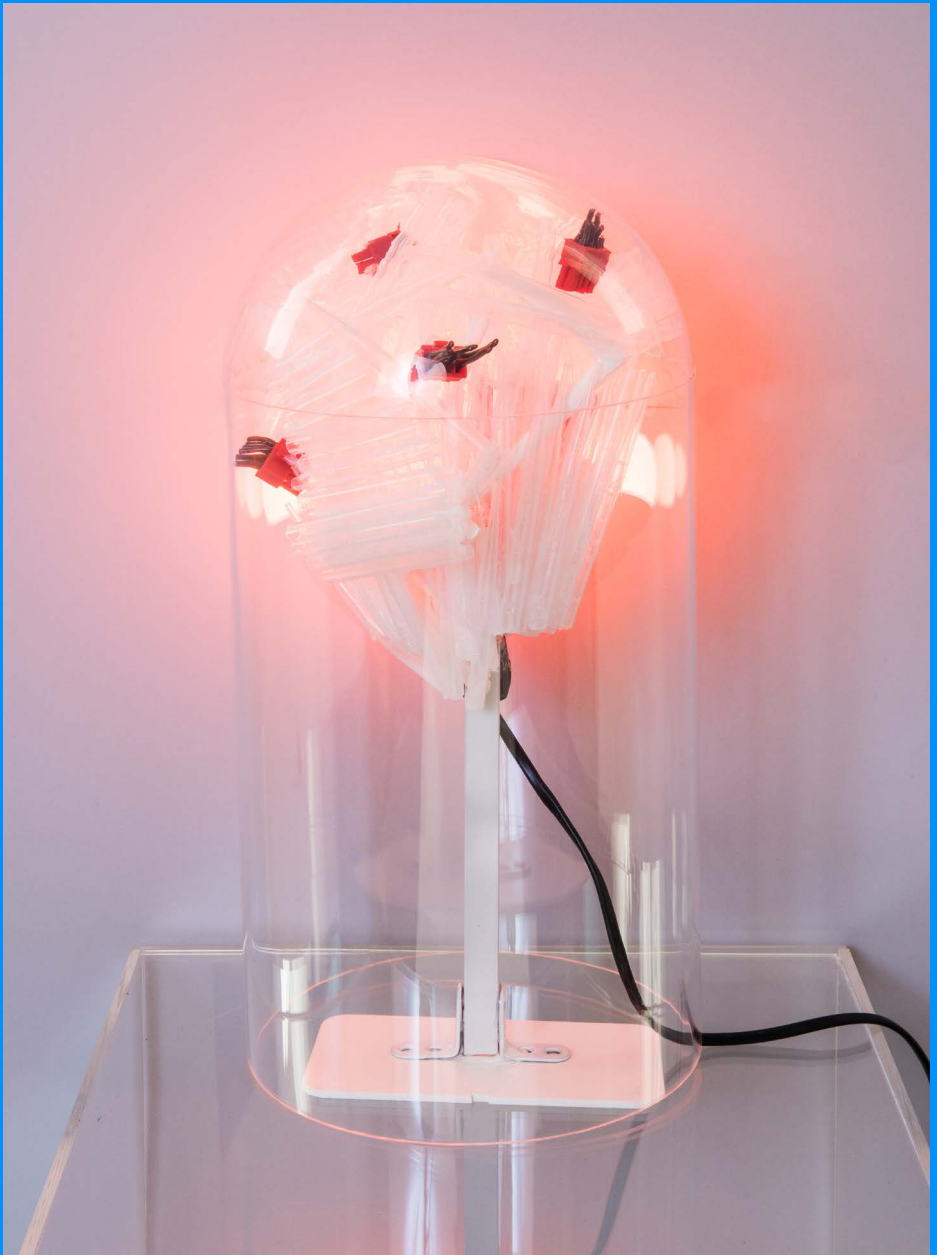
Escultura feita com tampas de seringas  
do Centro Clínico Champalimaud.  
Dimensões 60 cm X 50 cm



# Coração Quadrado

Se o coração ainda bate, lembramos de que estamos vivos. É um órgão regulador, que alimenta até as células que não sabemos que temos, mas também tem uma função de alerta. Avisa-nos do que sentimos, altera-se com as nossas emoções, mesmo que não seja nele onde habitam os nossos pensamentos. Como é que o coração sente? Como é que é capaz de nos despertar para emoções que ainda não percebemos?

Escultura feita com pipetas de Pasteur de laboratório e válvulas de computador da Champalimaud Research.  
Dimensões 40 cm X 25 cm



# Listen

Somos seres visuais. Transportamos milhares de imagens nos nossos bolsos, fotografamos todas as memórias que não queremos esquecer. Se acrescentássemos som a essas imagens, ganharíamos uma nuance contrária à opacidade do que nos rodeia. Na complementariedade dos sentidos, estabelece-se a plenitude de cada experiência. É muito para além do visível que a existência humana se concretiza.

Escultura feita com silicone  
da Champalimaud Research.  
Dimensões 10 cm X 12 cm



# I feel your respiration

Quantas unidades de um objeto é que precisamos de ter para o reconhecermos como objeto completo? De quantas partes de um rosto necessitamos de ter para o reconhecermos como um rosto? É no fluxo que atravessa e une as partes que se forja a unidade. Apesar de só sentirmos a inspiração e a expiração, o processo complementa-se de forma automática e invisível, representando uma atividade vital. A respiração.

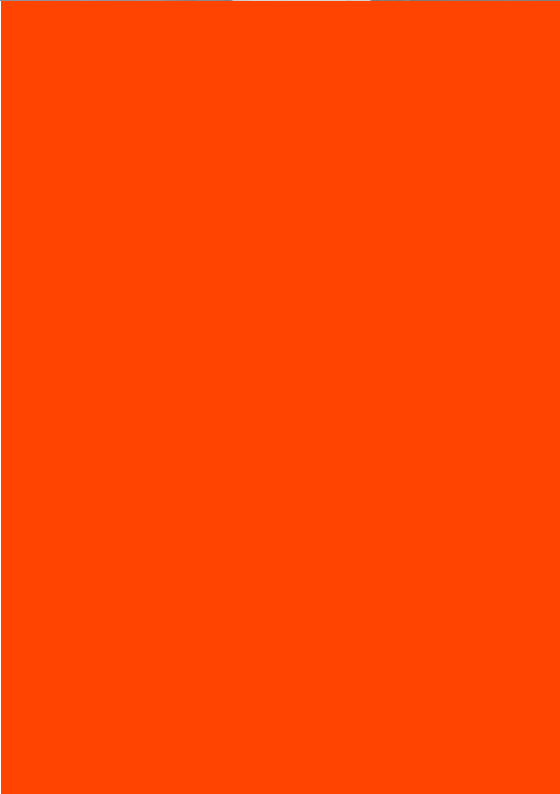
Escultura feita com silicone e plástico  
da Champalimaud Research.  
Dimensões 12 cm X 10 cm



# Hello, my Frankenstein

Se convertessemos toda a informação genética para unidades de armazenamento digital, como bites e bytes, ficaríamos surpreendidos com a sua dimensão. Apesar da concentração desta informação estar no núcleo das nossas células, é a sua complexidade escondida que faz com que os seres, ainda que biologicamente compostos pelos mesmos elementos, sejam tão diferentes entre si. É no encontro comunitário das individualidades que nos aproximamos da compreensão do universo.

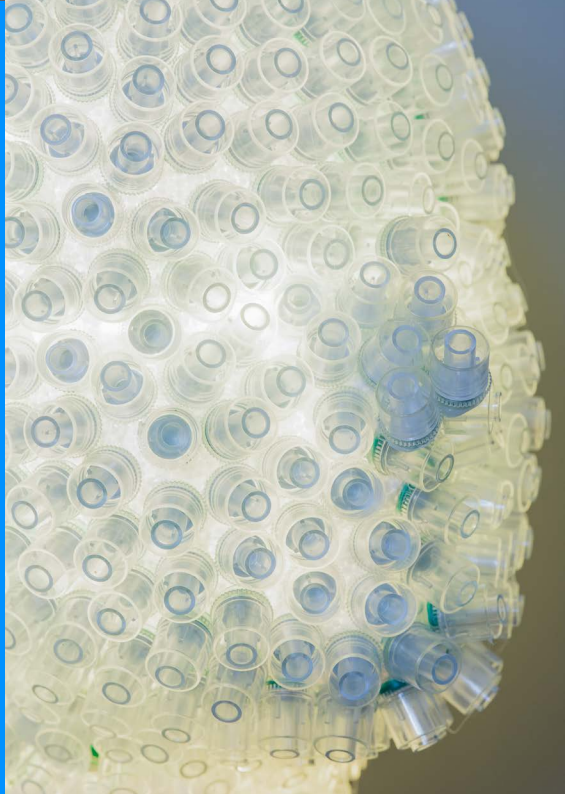
Escultura feita com tampas de  
garrafas de soro do Centro Clínico  
Champalimaud.  
Dimensões 1/1 escala humana



# Válvula

Se tivéssemos a possibilidade de observar toda a capacidade do cérebro, veríamos que todas as mentes são brilhantes. Não só pelo património genético, como pelo que acumulou e produziu ao longo da vida. O que torna umas mentes aparentemente mais brilhantes do que outras é o meio em que se desenvolvem. Todas as mentes são brilhantes. Algumas tornam-se iluminadas pela interação do conhecimento entre o interior e o exterior.

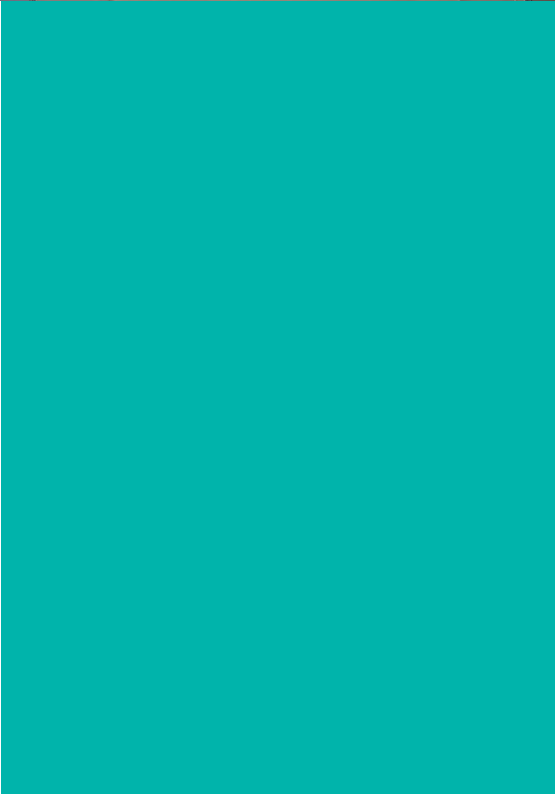
Escultura feita com válvulas de retenção de líquidos de laboratório e caixa de pontas de micropipetas da Champalimaud Research.  
Dimensões 1/1 escala humana



# Breast Protector

Há um instinto de proteção inerente à ancestralidade. Avós que protegem mães, mães que protegem filhas. Mulheres que protegem mulheres. Há um abraço que surge na altura certa — real ou imaginado. Segura as dores e o cansaço, transporta as crenças e superstições. Neste suporte nasce o efeito curativo da proteção.

Escultura feita com tampas de seringa  
do Centro Clínico Champalimaud e LED's  
Dimensões 35 cm X 22 cm



# Equação

Se alguém tivesse de traduzir o seu cérebro em símbolos concretos, talvez desenhasse ou se expressasse por palavras. Mas quanto mais sabemos, mais certeza temos da sua complexidade. Pode uma equação ajudar-nos a compreender o funcionamento do cérebro? Sim. Quantas equações serão necessárias? Há na abstração de fórmulas matemáticas o espaço necessário para nos aproximarmos do que nos falta conhecer do nosso sistema nervoso? Entre tantas descobertas, talvez possamos encontrar a equação que traduz a vida.

Instalação feita com placas de pontas de micropipetas de laboratórios da Champalimaud Research.  
Dimensões 1m X 1m



# Experiment

Num processo experimental, há papéis espalhados em cima da mesa, equações riscadas, tentativas e erros. A hipótese. Há obras de arte que só existem na mente de quem as idealiza. Há esculturas que não vão sair do atelier, tal como há experiências que não ganham forma no laboratório. Na ciência, como na arte, as conclusões geram novas questões. É a criatividade de ambos que desenha possibilidades de futuro.

Instalação feita com placas de Petri  
da Champalimaud Research.  
Dimensões 60 cm 70 cm



# Inside

Neste corpo vive o futuro e o presente.  
O que em tempos estive lá a mais,  
já está cá fora. Desintegrou-se. Às  
vezes surge na memória, é como se  
se sentisse ali novamente. Mas já não  
está lá. Como podemos dar um novo  
sentido a algo que nos marcou tão  
profundamente? Como iremos sentir  
um espaço ocupado que agora se  
encontra, de novo, vazio?

Instalação feita com plástico derretido  
do Centro Champalimaud.  
Dimensões 60 cm X 45 cm



# Eva Petri

Na transparência das placas de Petri vêm-se marcadas as passagens dos peixes-zebra pelas experiências de comportamento. Através de avatares destes pequenos peixes procuram-se tratamentos individualizados para tumores em corpos humanos. Somos seres diversos, com respostas também diversas a um mesmo tratamento. A ciência fundamental também reconhece e procura contemplar a individualidade.

Escultura de placas de Petri sobre base de computador da Champalimaud Research.  
Dimensões 190 cm 60 cm



# Kiss my brain

Para um entendimento do mundo, são necessárias várias perspectivas. E várias tecnologias. Juntas, traduzem-se em diferentes linguagens — da linguagem humana à inteligência artificial, dos números às máquinas. Também a arte. Embora, a certa altura, a arte e a ciência possam parecer distantes, ambas procuram uma compreensão do mundo. Estarão as soluções para os tempos vindouros na aproximação da arte à ciência?

Escultura feita com teclas de computador e acrílico da Champalimaud Research.  
Dimensões 45 cm X 60 cm



# Placebo

O ser humano é muito mais do que a sua dimensão física. É o resultado de uma interligação complexa entre as várias dimensões que o constituem. Da matéria do corpo, à abstração vívida da mente, estabelece-se uma relação de interdependência que se traduz na potencialidade da condição humana. Estarão as sensações que experienciamos no nosso corpo ou no nosso cérebro? Que controlo temos sobre aquilo que sentimos?

Instalação feita com caixas placas de pontas de micropipetas da Champalimaud Research, folha de alumínio cromado e comprimidos de paracetamol.  
Dimensões 80 cm X 65 cm

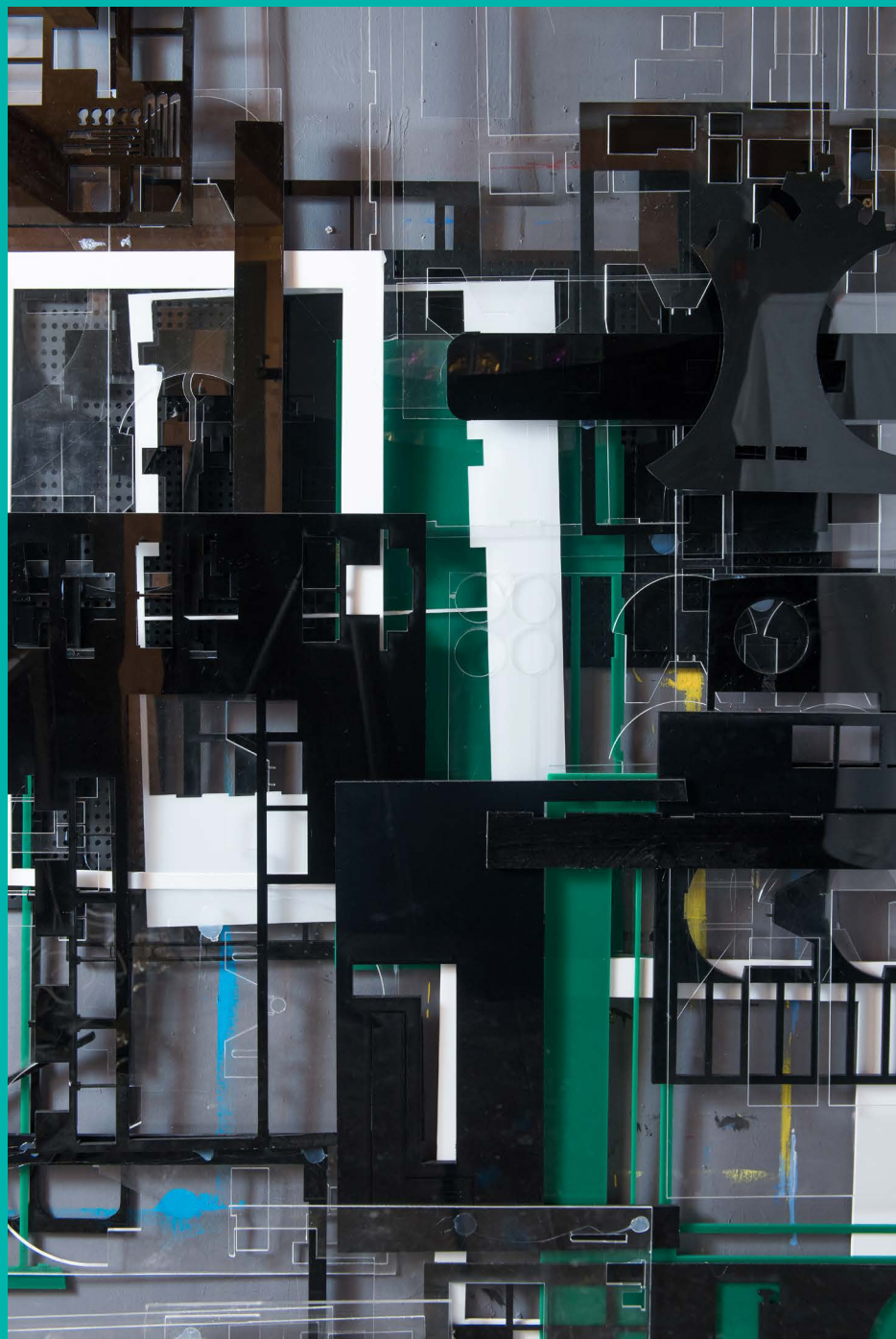




# Green maze

O cérebro faz perguntas e gera respostas, é agente e espectador, programa o futuro e revive o passado. Passa o tempo a aprender, a coletar memórias, a trabalhar na gestão de estados internos e a projetar comportamentos em resposta aos estímulos do meio que nos rodeia. Mas que condicionamentos terá, à partida, a genética que está lá desde o início? Que caminhos existem por explorar nos labirintos que nos compõem?

Instalação feita com placas de acrílico de experiências de laboratório da Champalimaud Research.  
Dimensões 120 cm X 100 cm



# Thyroid

Nem tudo o que parece é. Com a evolução dos métodos de observação, a ciência mostra-nos como as aparências iludem. Como é que um órgão tão pequeno quanto a tiróide, cuja forma nos lembra a delicadeza de uma borboleta, tem a capacidade de regular e desregular o nosso corpo? Esconde em si a complexidade, a capacidade de nos arrumar e desarrumar por dentro. Dos nossos ossos ao nosso estado mental.

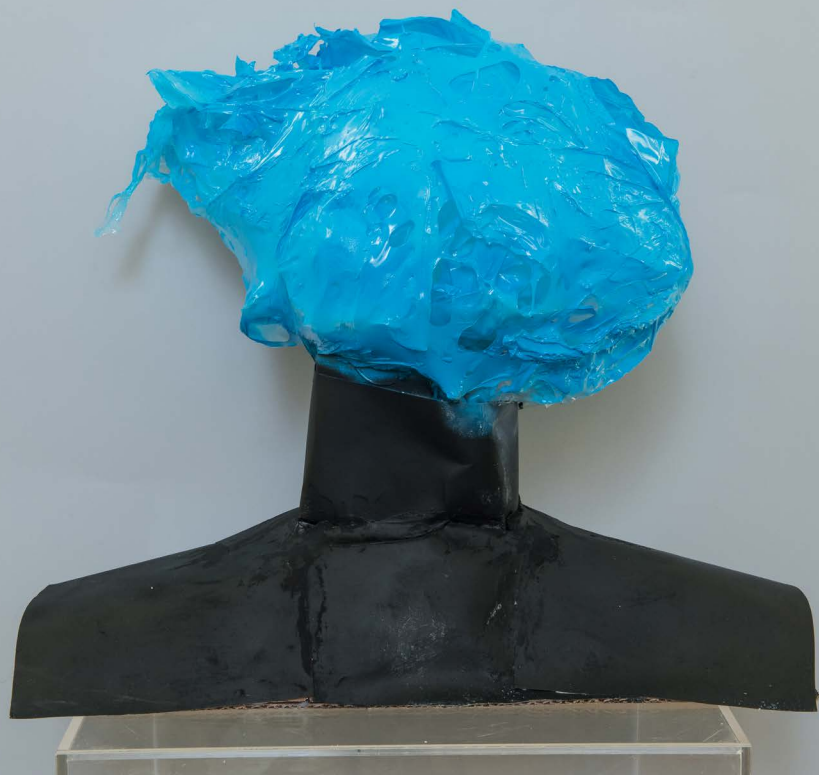
Escultura feita com plástico derretido,  
caixas de pontas de laboratório e cartão  
do armazém do Centro Champalimaud.  
Dimensões 160 cm X 50 cm



# Dark blue

Em suspensão. É com esta sensação que, muitas vezes, um doente fica ao receber uma notícia. Sobretudo uma notícia que dita o rumo da sua vida. É como uma rajada de vento que assombra a mente de forma fugaz e aos poucos ganha estabilidade. É uma profunda metamorfose na mente do doente. A sensibilidade na comunicação pode ajudar a que mais rapidamente o corpo se volte a encontrar com a mente. A notícia começa a ser processada.

Escultura feita com plástico derretido da Unidade de Cuidados Intensivos e cartão do armazém do Centro Champalimaud.  
Dimensões 60 cm X 50 cm



# Surgery

Numa companhia de dança, cada um move-se sabendo o seu lugar. Num laboratório de investigação, cada um sabe a experiência que tem de fazer a seguir. Num grupo de cirurgiões que opera um corpo, cada um sabe a sua posição e a ordem das tarefas a desempenhar. No silêncio, há uma comunicação invisível que indica a direção. A sincronia natural de um coletivo que caminha na mesma direção.

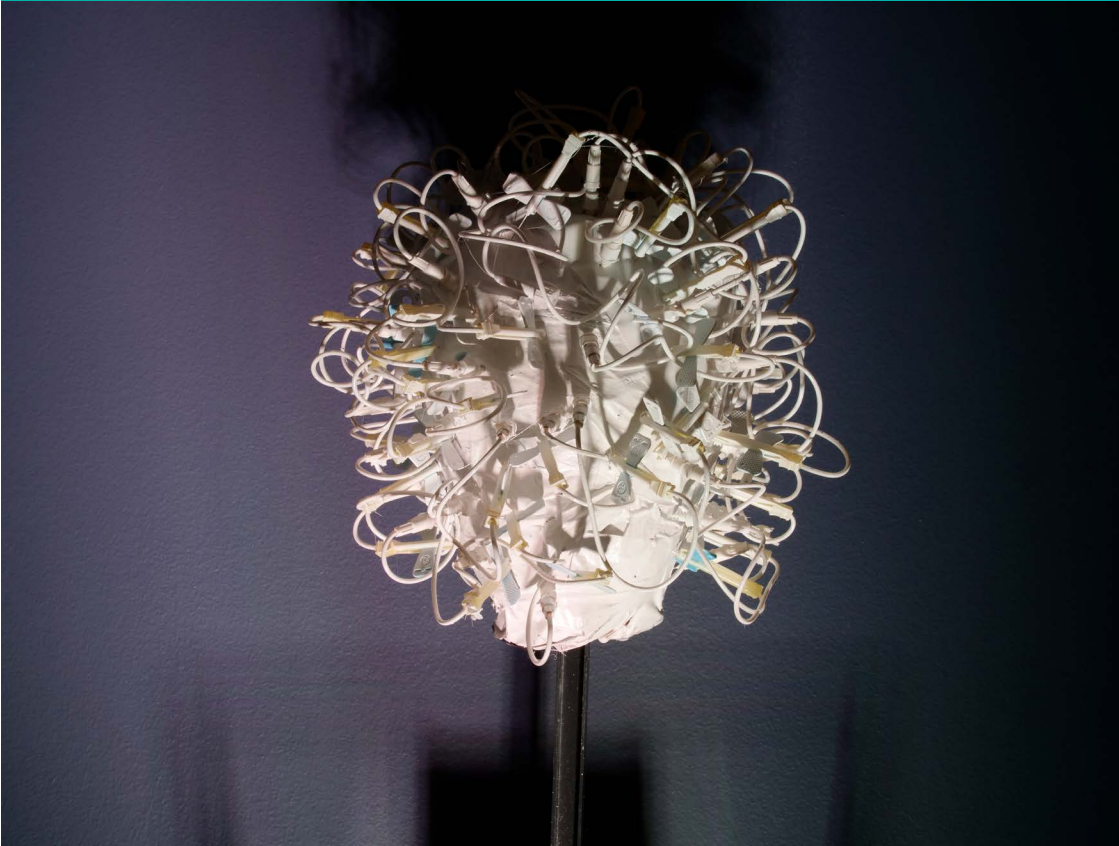
Escultura feita com papel e plástico  
do Centro Clínico Champalimaud.  
Dimensões 40 cm X 25 cm



# Butterfly

Numa mesma sessão de terapia,  
diferentes pessoas reagem de diferentes  
formas. As sensações vão e vêm. O  
medo — da dor, do desconhecido, das  
sequelas. A confiança — no processo,  
no resultado, nos profissionais. A  
esperança no que não é visível.

Escultura feita com cateteres  
do Centro Clínico Champalimaud.  
Dimensões 1/1 escala humana

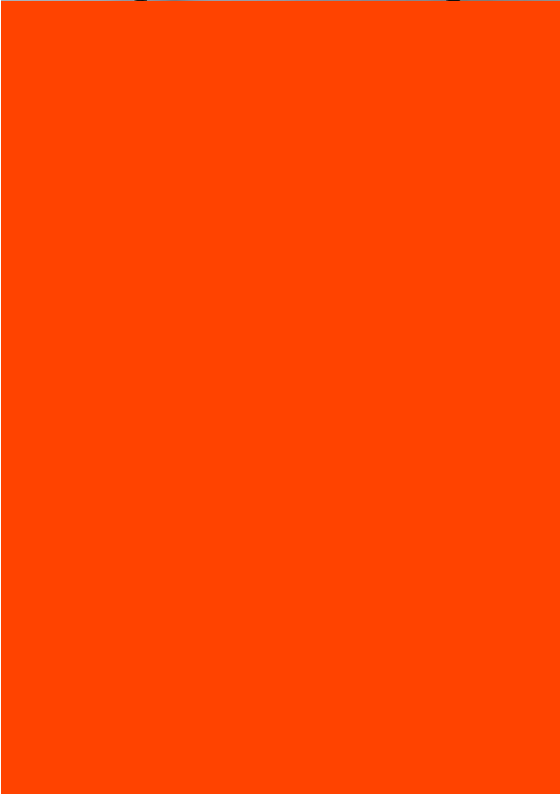




# Cure

Num processo de recuperação há diversos intervenientes que trabalham para que tudo dê certo. Para que se chegue à cura. Um conjunto de interações que, por muito simples que pareçam, fazem parte de um longo caminho. Um caminho que começa e acaba no doente, mas não depende só de si. E em que nunca está só.

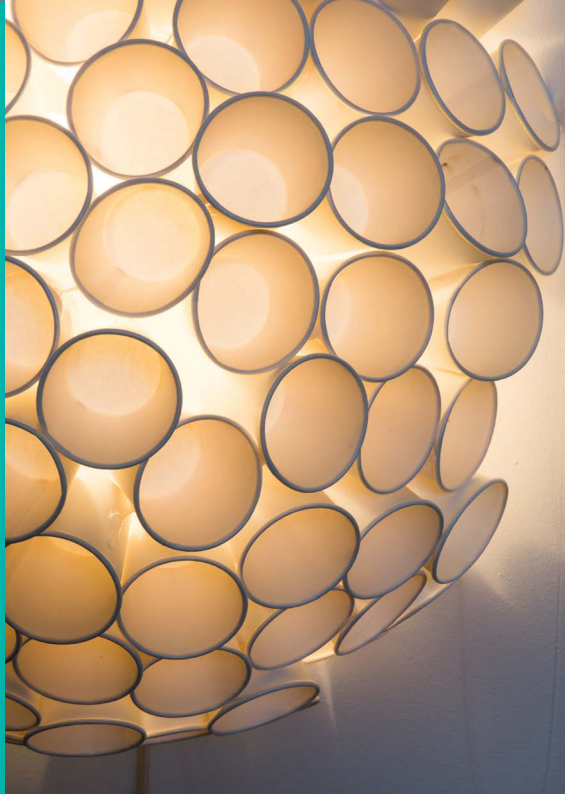
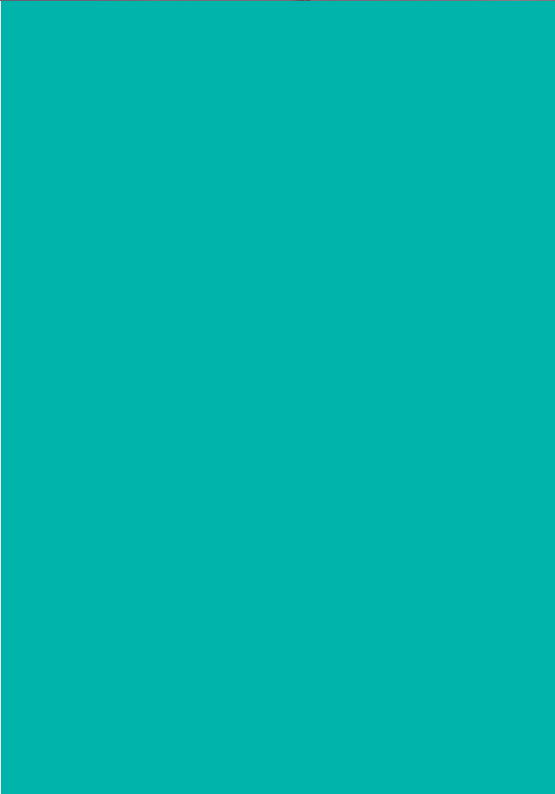
Escultura feita com seringas e caixas de gelo seco da Champalimaud Research.  
Dimensões 1/1 escala humana



# Universo metaverso

No dia-a-dia do Centro Champalimaud, onde se cruzam pessoas tão diferentes com um objetivo comum, todos os dias se encurtam os limites do desconhecido. O trabalho de investigação desafia as fronteiras do universo. Os tratamentos clínicos expandem o universo. Nem sempre se chega ao destino, mas em conjunto, descobrem-se novos universos. O potencial da mudança multiplica-se no coletivo.

Instalação feita com copos de café.  
Dimensões 70 cm X 60 cm



# Anaesthesia

Um grito fulminante chama-o pelo nome e acorda-o do sono. É o anestesista. Quem passa por esta experiência, descreve-a como um estado sublime de difícil descrição. É fascinante como alguém pode desligar e voltar a ligar alguém. O que será afinal a consciência? Se há práticas clínicas que nos deixam num limbo, esta é uma delas. Algures entre o consciente e o inconsciente. O conhecido e o desconhecido.

Escultura 2D feita com diversos materiais cirúrgicos, nomeadamente seringas, tampas e embalagens de soro do Centro Clínico Champalimaud.  
Dimensões 120 cm X 100 cm



# Exit from illness

É um processo lento, demorado. Mas sessão após sessão, há uma consciência da evolução. A cura está mais próxima. Se a certa altura já não é necessário fazer o caminho até à clínica, há memórias que perduram. Mas há, também, no momento de cura uma sensação de conquista. De recomeço. Mais do que ultrapassar uma doença, é o desbloquear de uma nova forma de olhar a vida.

Escultura feita com poliuretano das caixas de gelo seco da Champalimaud Research.  
Dimensões 1/1 escala humana



# Artificial emotions

Vivemos num mundo cada vez mais digitalizado, onde até a inteligência pode ser artificial. E as emoções, podem ser artificiais? O medo, a raiva, a tristeza e a alegria parecem ser inatos. Não há máquinas com instinto de sobrevivência — ou haverá? Não existem algoritmos que programem emoções — ou existirão?

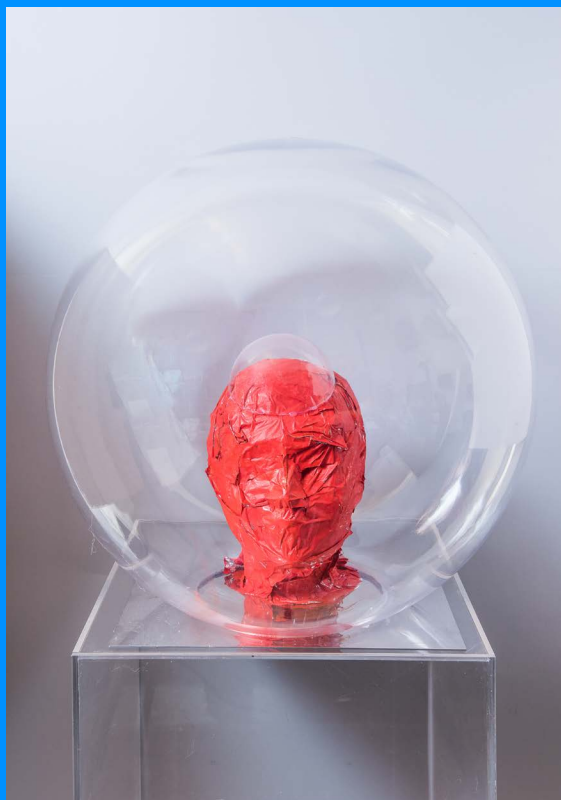
Instalação feita em acrílicos de laboratórios da Champalimaud Research.  
Dimensões 180 cm X 60 cm



# System

No laboratório, durante meses, anos, os cientistas estudam assuntos nem sempre óbvios para quem está do lado de fora. Para quê tanto tempo? Qual a utilidade daquela investigação? Há uma bolha de conhecimento que cresce a cada experiência, alimentando-se de tentativas e erros, e que um dia rebenta. É nesse momento que as respostas surgem.

Escultura feita com plásticos derretidos  
do Centro Clínico Champalimaud.  
Bola com 60 cm diâmetro



# Global warming

A complexidade do que sabemos hoje está muito além do que uma só mente consegue imaginar. É o resultado de um processo coletivo. Até onde conseguimos imaginar, sozinhos? E em grupo? Com a soma dos saberes individuais, o coletivo fica mais próximo de revelar o desconhecido. Juntos conseguem ver mais além. Até onde podem ir ações coletivas em torno de preocupações individuais?

Escultura feita com embalagens de seringas de cirurgia e plástico derretido do Centro Clínico Champalimaud.  
Dimensões 60 cm perímetro



# What your stomach says

Os nossos sentidos permitem-nos conectar-nos com o mundo exterior. O nosso corpo também tem formas de comunicar connosco através de sensações de que nem sempre damos conta. O que dizem os neurónios do nosso estômago sobre aquilo que estamos a sentir? Como é que a forma como nos comportamos condiciona as emoções que sentimos e as decisões que tomamos?

Escultura feita com fios elétricos e plástico da Champalimaud Research.  
Dimensões 40 cm X 50 cm



**Artista**

Clo Bourgard

**Assessoria de imprensa**

JML&A

**Coordenação e Produção**

Bridges to the unknown

**Instalação Sonora**

André Viamonte

**Textos**

Carolina Franco

**Apoio recolha de materiais**

Cátia Feliciano, Fernanda Conceição

**Consultoria científica textos**

Daniel Nunes

**Tradução**

Ana Correia, Ana Gerschenfeld

**Design gráfico**

ilhas studio

**Fotografia**

Ana Paula Carvalho, Alexandre Azinheira

**Design exposição**

Barbosa Mateus Arquitetos

**Parceiros**

P55.ART, Mama Help, Green Team

**Comunicação**

Communication, Events and Outreach,

Fundação Champalimaud

**AGRADECIMENTOS**

Albino Oliveira-Maia, Ângelo Ferreira, Aníbal Faria, Benjamin Zarov, Bruno Costa Silva, Catarina Ramos, Cátia Feliciano, Cecília Figueiredo, Eduardo Moreno, Fernanda Conceição, Filipa Faustino, Gonçalo Guiomar, Helena Bicker, Inês Soeiro, Joana Ruivo, John Lee, Liliana Costa, Maria João Cardoso, Pedro Gouveia, Pedro Providência, Ricardina Oliveira, Rita Fior e Fior lab, Rita Marques, Rodrigo Moita de Deus, Teresa Fernandes, Tiago Quendera, Tupac Martir.

Fundação Champalimaud



Fundação  
Champalimaud

Bridges  
to the unknown



GREEN TEAM  
@ CCU



P55.ART